**Uma imagem contendo pôr do sol, céu, ao ar livre, nuvens

Descrição gerada automaticamente**

**“Quem não toma a sua cruz para me seguir,**

**não pode ser meu discípulo.”**

**Vigésimo terceiro domingo do Tempo Comum**

**8.9.2019**

Amados irmãos e irmãs, que a paz do Altíssimo esteja com vocês!

Neste domingo, o vigésimo terceiro do Tempo Comum, ainda nos mantemos ao lado de Jesus Cristo em sua caminhada a Jerusalém, na qual apresenta um riquíssimo catecismo. Explana sobre o que é requerido ao seu discipulado, embasando, assim, nossa contínua evolução espiritual. Este crescimento, além de se direcionar a nós mesmos, envolve, também, nossas ações voltadas à construção cotidiana do “Reino”, levando-nos a ser testemunhas da presença viva de Deus em nosso meio. Somos advertidos tanto sobre a inadequada valoração que damos aos bens materiais, com à absoluta necessidade da permanente vigilância sobre nossos pensamentos, desejos e ações, mesmo que tenhamos de entrar em conflito com aqueles que estão aprisionados a este mundo. Lembra-nos, Jesus, dos requisitos necessários ao acesso do Reino, mas nos chama a atenção para o convite universal e para a possibilidade de todos cumprirem tais quesitos, bastando que seja feita uma sincera e determinada escolha. Destaca, também, a importância da humildade, da gratuidade e do amor desinteressado aos seus pretensos seguidores.

Hoje, Lucas nos traz a fala **de** Jesus apontando para a imprescindível opção que devemos fazer com vistas à centralidade de Deus em nossa vida, caso desejemos, de fato, caminhar ao seu lado em busca de nossa plena realização. Assim, convidamos vocês para que juntos reflitamos sobre a mensagem em tela, identificando como podemos aplicá-la em nossa vida diária.

25Grandes multidões o acompanhavam. Jesus voltou-se e disse-lhes: 26“Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo. 27Quem não carrega sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo. 28Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? 29Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele, dizendo: 30‘Esse homem começou a construir e não pôde acabar!’ 31Ou ainda, qual o rei que, partindo para guerrear com um outro rei, primeiro não se senta para examinar se, com dez mil homens, poderá confrontar-se com aquele que vem contra ele com vinte mil? 32Do contrário, enquanto o outro ainda está longe, envia uma embaixada para perguntar as condições de paz. 33Igualmente, portanto, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.” (Lc 14,25-33)

A passagem de hoje apresenta-nos, mais uma vez, a fala dura e objetiva de Cristo Jesus ao destacar a importância da opção prioritária da divindade em nossa vida.

Sem dúvida alguma, não podemos interpretar ao pé da letra a exortação narrada por Lucas que aponta para a aparente necessidade de se ter “ódio” dos pais, dos filhos, dos irmãos e, tampouco, do marido ou da esposa. Lembremo-nos sempre que Jesus traz-nos, precipuamente, a paz entre os seres como ponto básico de nosso relacionamento, jamais sendo estimulado por Ele o ódio, até mesmo aos inimigos. Sua fala de hoje aponta, não para o sentimento que se contrapõe ao amor, mas sim ao apego entre as pessoas e a priorização de tais relações quando embasadas em princípios humanos, em detrimento do nosso vínculo com Deus.

Ao longo da caminhada catequética a Jerusalém, Jesus traça as coordenadas do que podemos chamar de “estrada do discipulado”, isto é, o caminho em direção ao “Reino”, ou melhor dizendo, o direto e fiel envolvimento com a construção do “Reino” no aqui e agora. Tal ação deve ter sempre a primazia em nossa vida, acima, inclusive, dos bens materiais, das relações que envolvem pessoas amadas, e até mesmo dos nossos próprios interesses pessoais. Nunca foi dito que seria fácil, mas, frequentemente, é destacada a importância e a necessidade de tal opção, ao mesmo tempo que podemos ser fortalecidos pelo próprio Espírito de Deus, se assim permitirmos, para o cumprimento de tal missão. Lembremo-nos da fala de Paulo aos coríntios, ao destacar a mensagem recebida de Deus em oração: “*Basta-te minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força*”. Assim, continua a afirmar: “*Portanto, prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo*” (2Cor 12,9).

Ao confiarmos em nossas próprias forças, em nossa capacidade pessoal de enfrentamento contra tudo o que nos distancia ou desvia do caminho da santidade, da auto-realização, certamente fracassaremos na batalha cotidiana, pois, no reconhecimento da nossa fragilidade e da nossa limitação humana, entregando-nos para sermos conduzidos pelo Santo Espírito, é exatamente quando a força de Deus age em nós. Deixamos de ser, nesse momento, nós mesmos o responsável pela luta contra os distratores diários de nosso verdadeiro caminho espiritual, permitindo que, o Altíssimo, nos use, nos encoraje, nos fortaleça, enfim, nos conduza em direção da vida plena.

Entretanto, não há meio-termo nessa escolha: ou fazemos a opção pela construção diária do “Reino” em nossa vida, a escolha de adentrarmos no “banquete do Reino”, disponibilizando-nos em tempo integral a tal missão, ou assumimos a materialidade deste mundo como indutora de nossas ações que a nada nos levará. Cabe, então, novamente o destaque para essa missão em tempo integral, proposta similar ao “ódio” indicado por Jesus pelos que amamos. É uma entrega plena que perpassa todas as nossas atividades e relações, sem que haja um abandono de nossas responsabilidades cotidianas, mas que as desempenhemos sempre conduzidos pela luz divina, com amorosidade, com fraternidade, com compaixão e sem qualquer intencionalidade. A renúncia indicada não representa o abandono total das ações a nós requeridas, tampouco daqueles que amamos, mas sim a nossa plena entrega, para sermos permanentemente conduzidos por Deus, em todos os momentos de nossa vida.

Pelo exposto, Jesus apresenta-nos três exigências para que sigamos o “caminho do discípulo”, em busca de compartilharmos com Ele o “banquete do Reino”.

A primeira delas diz respeito ao nosso relacionamento com as pessoas que amamos (v. 26). Lembremo-nos que, segundo a maneira oriental de falar, “odiar” representa colocar em segundo plano, não priorizar, tendo em vista a necessidade de darmos primazia à nossa espiritualidade, às bases divinas que devem sustentar nossas ações diárias. Assim, as relações familiares, por mais importantes que sejam em nossa vida, não devem obstaculizar a nossa adesão ao “Reino” e, mesmo elas, devem ser esvaziadas de egoísmo, de interesses pessoais, sustentando-se no amor divino e na partilha desinteressada.

A segunda requer a renúncia da própria vida (v. 27). Não é permitido ao discípulo de Jesus, aquele que opta por seguir os passos do Mestre, viver de forma egoísta, priorizando os seus interesses pessoais, colocando em primeiro plano o que lhe atrai e lhe dá prazer. Devemos, assim, colocar a própria existência ao serviço da construção do “Reino”, fazendo da vida um dom de amor e compaixão aos irmãos.

A terceira das exigências aponta para desapego material (v. 33). Mais uma vez, destaca-se a priorização de Deus em nossa vida, do fortalecimento de nossa espiritualidade, tendo em vista que, os bens materiais, com frequência, tendem a ser os próprios deuses do cotidiano deste mundo, induzindo-nos a priorizar as ações que geram a sua contínua e ilimitada aquisição, o que nos leva, então, a viver em função deles. Isso não significa que devemos dar tudo o que temos, mas jamais deixarmos ser possuídos por eles. O agravante de tal postura, e comumente encontrado, é que, ao nos escravizarmos dos bens materiais, passamos a ter uma visão míope do mundo, deixando de ver as reais necessidades de nossos irmãos e vinculando-nos, egoisticamente, apenas aos nossos próprios ganhos pessoais.

Dessa forma, juntamente com as exigências requeridas para o caminhar discipular, evidenciam-se todas as dificuldades para seu cumprimento. Não foi sem razão que Jesus descreve como estreita a porta do salão do “banquete do reino”, pois este não é um caminho fácil e é desprovido de ilusórios prazeres momentâneos e temporais. Eis a razão das parábolas apresentadas no Evangelho de hoje, tanto a do homem que, ao desejar construir uma torre, necessita pensar, previamente, se tem como terminá-la (vv. 28-30), como a do rei que deve pensar no poderio do opositor antes de partir para o confronto de uma guerra (vv. 31-32). Ambas nos convidam a todos nós que desejamos optar pelo caminho do discipulado a refletirmos, verdadeiramente, sobre a escolha a ser feita, pois deverá corresponder aos desafios apresentados pelo Evangelho.

Não podemos nos esquecer que, para seguir Cristo como seus discípulos carregando nossa cruz, não podemos reduzir o seu verdadeiro significado, apenas limitando-nos a pequenas renúncias, privando-nos de satisfações momentâneas ou de prazeres pontuais, mesmo que tais opções sejam legítimas em determinados momentos. Lembremo-nos que Jesus nunca foi um exemplo de ascetismo ou de alguém em constante busca de mortificações, mas sim de desapego e partilha, de amor compassivo com todos os seres, acolhendo-os e comungando tudo com todos. Assim, quando Ele fala de assumirmos nossa cruz para segui-Lo, não está nos chamando para uma “vida mortificada”, ou uma existência com a permanente busca de sofrimentos. Cabe o destaque à inexistência nos Evangelhos da busca optativa pelos sofrimentos cotidianos. A própria paixão e morte de Jesus da cruz deve ser vista como consequência do seu infinito amor pela humanidade e da sua ilimitada obediência ao Pai e não pelo desejo pessoal de vivenciar tal sofrimento.

Assim, o “carregar a cruz” e seguir Cristo Jesus em sua caminhada é aceitar as adversidades do dia-a-dia, enfrentando-as com entrega, com retidão, com amor e, acima de tudo, com a confiança do aprendizado possível diante de tais dificuldades. Tudo acontece para o nosso aprendizado e crescimento, tudo deve ser abraçado como oportunidade de evolução espiritual.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton